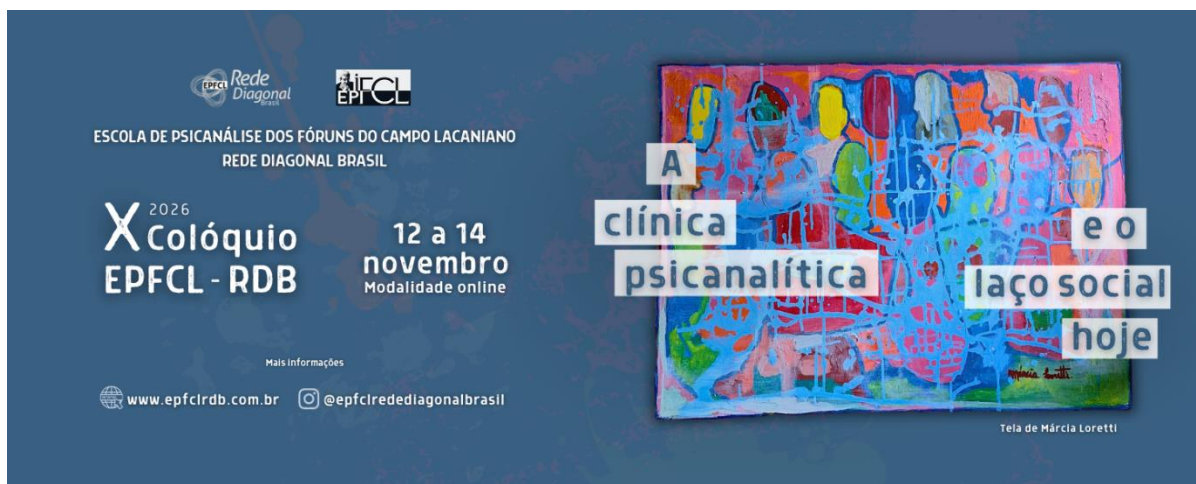




Prelúdio I

Laços sociais e sintomas da contemporaneidade

Eliane Z. Schermann¹

A teoria dos discursos de Jacques Lacan oferece uma importante ferramenta para abordar os modos pelos quais os sujeitos se inserem nos laços sociais e produzem respostas ao mal-estar inerente à condição humana. Ao afirmar que não existe subjetividade ou organização social fora dos discursos, Lacan desloca a questão do vínculo social para o campo da linguagem, mostrando que toda relação humana é mediada por estruturas simbólicas que se organizam pelo saber, pelo poder, pelo desejo e pelo gozo.

No Seminário XVII, Lacan formaliza os quatro discursos fundamentais — do Mestre, da Universidade, da Histórica e do Analista — como modalidades de laço social. Resumidamente, vamos abordar os 4 discursos. O discurso do Mestre sustenta as relações de autoridade e mestria; o da Universidade organiza o saber — seja o saber subjetivo ou institucional e burocrático —; o discurso da Histórica interroga o saber estabelecido e impulsiona sua produção; e o do Analista cria condições para

¹ Psicanalista, AME da EPFCL.

que o sujeito encontre sua verdade singular. Cada discurso revela que o sujeito é estruturalmente dividido e que toda organização ou laço social se constitui em torno de uma falta impossível de ser eliminada.

A contemporaneidade, entretanto, apresenta uma modificação significativa desses laços através do chamado discurso capitalista. Diferentemente das formas tradicionais de autoridade, o capitalismo não ordena diretamente; ele convida ao consumo, ao desempenho e ao gozo. Sob a promessa de realização pessoal e satisfação plena, oferece incessantemente objetos destinados a preencher aquilo que, sendo da estrutura do sujeito, permanece faltante. *Gadgets*, drogas, imagens, identidades e mercadorias são apresentados como soluções para o mal-estar, embora apenas alimentem um circuito contínuo de insatisfação e repetição.

A psicanálise demonstra que o desejo nasce justamente da falta e não pode ser definitivamente satisfeito por nenhum objeto. Quando a sociedade privilegia o consumo como resposta universal, observa-se o enfraquecimento dos laços sociais e a proliferação de sintomas característicos da modernidade: isolamento, violência, intolerância, segregação, compulsões e diferentes formas de sofrimento subjetivo.

Os chamados sintomas sociais revelam algo que ultrapassa as explicações sociológicas ou morais. A corrupção, o preconceito, a segregação e a violência podem ser observados como manifestações coletivas da dificuldade de lidar com a falta estrutural. Em vez de reconhecer os limites próprios da condição humana, busca-se frequentemente recobrir a falta por ideais de completude, consumo ou identificação grupal.

Nesse contexto, a psicanálise propõe uma ética distinta daquela sustentada pelos ideais de felicidade e adaptação social. Sua orientação não consiste em eliminar o sintoma, mas em abordá-lo como formação que carrega uma verdade sobre o sujeito. O sintoma deixa de ser apenas um sinal de doença e conflito para tornar-se uma invenção singular diante do impossível da existência.

Na última fase de seu ensino, Lacan (1975-1976) desenvolve o conceito de *sinthoma* para indicar precisamente essa dimensão criativa. Certos modos de fazer, escrever, criar ou produzir podem funcionar como soluções subjetivas capazes de

organizar os gozos e permitir novas formas de inserção social. O *sinthoma* não elimina a falta, mas oferece uma maneira singular de habitá-la.

Diante dos impasses contemporâneos, a contribuição da psicanálise consiste em sustentar espaços de acolhimento que resistam à homogeneização promovida pelos discursos dominantes. Em vez de oferecer respostas universais, ela aposta na singularidade de cada sujeito e na possibilidade de transformar a repetição do sofrimento em produção de saber.

Falando em singularidade do *sinthoma*, aproveito a oportunidade para fazer uma homenagem ao colega Jacques Adam que nos legou, dentre muitas reflexões, o texto “*La psychanalyse, pas la pensée unique*”².

Referências Bibliográficas

- ADAM, Jacques; SOLER, Colette *et al.* *La psychanalyse, pas la pensée unique*. Paris: Editions du Champ Lacanien, 2000.
- LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, Jacques. (1975-1976). O Seminário, livro 23: o *sinthome*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Junho, 2026.

² A frase “*La psychanalyse, pas la pensée unique*” poderia ser traduzida por “A psicanálise não é um pensamento único”, mas também por “A psicanálise não é um pensamento de grupo”, ou ainda “A psicanálise, não o pensamento único”, ou mesmo de outras maneiras. Decidiu-se por manter a frase em seu original em francês no intuito de preservar essa polissemia.